

Mediadores de Leitura na Bibliodiversidade

Ministério da Educação - MEC

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES

Diretoria de Educação a Distância – DED

Universidade Aberta do Brasil – UAB

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Reitor Carlos Alexandre Netto
Vice-Reitor Rui Vicente Oppermann
Secretário de Educação a Distância Sérgio Roberto Kieling Franco
Coordenador da UAB/UFRGS Luis Alberto Segovia Gonzalez

Apoio em Publicações da SEAD

Deise Mazzarella Goulart
Laura Wunsch

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - FABICO

Diretor da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - FABICO Ricardo Schneiders da Silva
Chefe do Departamento de Ciências da Informação - DCI Ana Maria Mielniczuk de Moura

Grupo de Pesquisa LEIA: Leitura, Informação e Acessibilidade

Ariel Behr
Eliane Lourdes da Silva Moro
Iara Conceição Bitencourt Neves
Lizandra Brasil Estabel
Maria Cristina Caminha de Castilhos França
Maria do Rocio Fontoura Teixeira
Valdir José Morigi

Revisão Textual

Revisor de Língua Portuguesa Gabriela Fernanda Cé Luft
Revisor das Normas ABNT Maria Lúcia Dias

Projeto Gráfico

Projeto Gráfico e Diagramação Rafael Marczal de Lima
Capa Bibiana Carapeços de Lima
Fotografias de Capa Stock.xchng



**UNIVERSIDADE
ABERTA DO BRASIL**



Mediadores de Leitura na Bibliodiversidade

Organizadores

Iara Conceição Bitencourt Neves

Eliane Lourdes da Silva Moro

Lizandra Brasil Estabel

Editora
Evangraf | 2012



**UNIVERSIDADE
ABERTA DO BRASIL**



© dos autores
1ª edição

Direitos reservados desta edição:
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

M159 Mediadore de leitura na bibliodiversidade / organização Grupo de Pesquisa LEIA. – Porto Alegre : Evangraf/ SEAD/UFRGS, 2012.
216 páginas.. : il.

Inclui referências.

ISBN: 987-7727-383-6

I. Educação a distância 2. Leitura : Métodos e técnicas 3. Mediação 4. Tecnologias de Informação e Comunicação 5. Bibliodiversidade I. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Secretaria de Educação a Distância. II. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Departamento de Ciências da Informação. Grupo de Pesquisa LEIA.

CDU 37.018.43 : 028.

CIP – Brasil – Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação
Iara Conceição Bitencourt Neves, CRB-10/351

Grupo de Pesquisa LEIA

Rua Ramiro Barcelos, 2705 – Sala 513 Bairro Santana
Cep 90035-007 PORTO ALEGRE –RS
Telefones: 51 – 3308- 5138 Fax: 51 – 33085435
E-mails: mediadorleitura@ufrgs.br
Blog:http://leia_fabricoufrgs.blogspot.com
Site: <http://www.ufrgs.br/mediadoresdeleitura>

Mediadores de Leitura na Bibliodiversidade: narrativas que vão muito além do currículo

ELIANE LOURDES DA SILVA MORO
LIZANDRA BRASIL ESTABEL
LUCIANA SAUER FONTANA

UMA EAD COM NOVOS CONTORNOS: DO OUTRO LADO DA TELA HÁ UMA HISTÓRIA DE VIDA

O itinerário que leve a um ‘si mesmo’ está para ser inventado, de uma maneira sempre singular, e não se pode evitar nem as incertezas nem os desvios sinuosos. De outra parte, não há um eu real e escondido a ser descoberto. Atrás do véu, há sempre outro véu; atrás de uma máscara, outra máscara; atrás de uma pele, outra pele. (Larrosa, 2001, p.9)

Este *texto* pretende contribuir para a pluralização de debates acerca do ensino a distância, através de um breve *ensaio descritivo e analítico* de uma narrativa, produzida por uma aluna, do Curso de Extensão *Mediadores de Leitura na Bibliodiversidade*.

Ao dar visibilidade à narrativa produzida por uma aluna – sobre suas *vivências individuais e coletivas* em espaços *não escolares*, bem como a suas histórias de vida – pretendemos olhar a Educação Aberta e a Distância (EAD), não só como um território de produção de conhecimento, mas, também, de narrativas que falam de experiências que vão muito além do estipulado pelo currículo.

Compartilhamos que, este breve *ensaio* inclui, também, as contribuições e os “olhares atentos” dos demais professores que integram este Curso de Extensão, que hoje está sintetizado através dos quatorze capítulos que compõem este livro.

O desejo de produzir um texto, a partir das narrativas dos alunos, foi instigado durante as reuniões mensais da equipe de docentes que promovem e integram o Curso de Extensão *Mediadores da Leitura na Bibliodiversidade*. Isto é, além das preocupações de ordem mais quantitativa como, por exemplo: controle de evasão, frequência e cumprimento das tarefas, adquiriam igual relevância, em nossas reuniões, as escritas autonarrativas produzidas pelos alunos, sobre suas *vivências individuais em espaços não escolares*, bem como seus *saberes da experiência*.

O Curso *Mediadores* foi idealizado pelas pesquisadoras do *Grupo de Pesquisa LEIA/FABICO/UFRGS* e ofertado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, através da sua Secretaria de Educação a Distância (SEAD), especialmente para professores e bibliotecários com vistas à formação de **mediadores de leitura**.

Assumimos, desde o início, que a escrita deste texto adotou como “mola propulsora” a problematização do entendimento, em alguns casos, preconceituoso e homogeneizante, de que a EAD empobreceria, sob o ponto de vista social e afetivo, as relações entre professores e alunos.

Por outro lado, destacamos que não pretendemos assumir um olhar binário, preocupado em definir qual seria, supostamente, a melhor ou a pior modalidade de educação. Ao darmos visibilidade às narrativas produzidas por uma aluna sobre suas *vivências individuais e coletivas*, em espaços *não escolares*, bem como as suas histórias de vida, pretendemos trazer a luz através de relatos escritos pela própria aluna, a compreensão de que, mesmo no cenário da EAD, há produção de subjetividades. Mesmo a partir desse “pano de fundo” virtual, é possível olhar para os nossos alunos enquanto sujeitos individuais, pois a EAD, nessa perspectiva, não se trataria de um método, mas de um *meio* para que – em alguns casos – as relações de espaço e tempo, no mundo da educação, possam assumir novos contornos, que atenuem as *distâncias geográficas, temporais, sociais e afetivas*.

NARRATIVAS: HISTÓRIAS REAIS COM JEITO DE NOVELA

As identidades parecem fixas e sólidas apenas quando vista de relance, de fora. A eventual solidez que podem ter quando contempladas de dentro da própria experiência biográfica parece frágil, vulnerável e constantemente dilacerada por forças que expõem sua fluidez[...] (BAUMAN 2001, p. 98)

Esclarecemos que as narrativas da aluna, aqui compartilhadas, tratam-se de pequenos recortes da primeira edição do *Curso Mediadores de Leitura na Bibliodiversidade*, que foi realizado entre outubro e janeiro, de 2010, em nove polos do interior do Estado do Rio Grande do Sul.

Destacaremos, particularmente, os relatos espontâneos de uma aluna sobre sua própria vida. Como já estamos enunciando, as narrativas que apresentaremos a seguir não foram escolhidas de modo aleatório ou ao acaso; mas, ao contrário, tal escolha decorreu de compreensões alcançadas a partir da realização de um exercício de (re)leitura de diversos relatos – postados pelos alunos no AVA Moodle em seus *blogs* – que nos permitiram escolher as *Cenas* que reapresentam, com maior ênfase, os atravessamentos pessoais, sociais, culturais e históricos que permeiam a vida de nossos alunos.

Apresentamos, a seguir, trechos de uma narrativa autobiográfica sobre os revezes na vida de uma aluna, que é professora do ensino fundamental, de uma escola pública, mãe, dona de casa, agricultora, e vive no interior do Estado. Trazemos, então, do *plano virtual*, alguns recortes da *vida real* desta aluna que, por questões éticas e práticas, chamaremos de **Ana**.

Tal relato foi suscitado durante a realização de uma tarefa, solicitada pelos professores, que previa produção de uma crônica, pelos alunos, que deveria ser desenvolvida a partir da leitura do conto *A Cartomante*, de Machado de Assis, que, apressadamente, pode-se dizer, narra um triângulo amoroso com desfecho trágico. Através dos personagens *Vilela*, *Rita* e *Camilo*, o autor dá visibilidade a sentimentos, às vezes, pouco nobres, mas inerentes à condição humana, como: mentira, vingança, hipocrisia, paixão e outros mais. Já a personagem que dá nome ao conto de Machado de Assis, ou seja, “a cartomante” desperta sentimentos como misticismo, insegurança e (des)crenças de cunho paranormal.

Feitas as considerações sobre a ficção, voltamos a destacar que, aquilo que deveria se caracterizar apenas como mais uma atividade solicitada pelos professores de todos os polos aos alunos, através do AVA Moodle, assumiu um caráter inusitado e autobiográfico, conforme pode-se observar. Para SIBILIA (2007, p.183). “Se o leitor acredita que o autor, o narrador e o personagem principal de um relato são a mesma pessoa, então se trata de uma obra autobiográfica”.

Transcrevemos a seguir alguns **recortes** do texto intitulado “O Amor Sempre Vence” produzido pela aluna **Ana**, sobre algumas cenas da sua vida que se assemelham, em alguma medida, ao conto “A Cartomante”, de Machado de Assis. Por questões práticas e metodológicas, tomamos a liberdade de dividir, classificar e nomear os trechos desta narrativa como “cenas” para melhor compreensão dos leitores.

Título Original: O Amor Sempre Vence	
<i>Cena 1:</i>	O Dilema: João, Ana e Mário?
<i>Cena 2:</i>	A Cigana: Ana escuta o prenúncio de um triângulo amoroso
<i>Cena 3:</i>	O Encontro: Ana conhece Mário
<i>Cena 4:</i>	Desperta uma Paixão: O Primeiro Beijo de Mário e Ana
<i>Cena 5:</i>	O Reencontro de Mário e Ana
Ato Final:	Um Desfecho (In)Feliz: o Reencontro de Mário e Ana

CENA 1: O DILEMA: JOÃO, ANA E MÁRIO?

O Amor Sempre Vence

Em uma pequena localidade do interior, viviam **João** e **Ana** com seus quatro filhos. A mulher de trinta anos, magra, rosto marcado pelas linhas do tempo, mas sempre sorridente e muito trabalhadeira, era responsável pelo sustento da casa. Para isso, trabalhava diariamente em uma escola, durante oito horas. Após chegar à casa, trocava de roupa e acompanhava seu marido e seus filhos de 13 e 16 anos no árduo trabalho da lavoura, no cultivo do fumo. Por muito tempo essa rotina repetiu-se deixando-a desanimada e até fazendo-a esquecer-se de sorrir. Certo dia, um primo de seu esposo veio pedir serviço para o sobrinho **Mário**, que morava em outra cidade e não estava dando certo ficar por lá. **João**, mais do que depressa resolveu buscar **Mário** e a família para que este lhe ajudasse no serviço da lavoura. A mulher, prevendo que teria que pagar o empregado, não o queria. Foi aquele rebuliço. Muitas discussões aconteceram. No entanto, **Ana** foi voto vencido, uma vez que **João** e seus filhos teriam que trabalhar menos na roça. Foi então que

teve a idéia de consultar uma cartomante e tirar todas as dúvidas sobre o assunto. A tal cartomante morava no município vizinho ao de **Ana**, precisou ser hábil para convencer o marido de sua repentina saída, então falou que havia um encontro de professores naquela cidade e que ela fora escolhida para representar a escola no referido encontro. **João** não ficou muito satisfeito, mas concordou com a saída da esposa.

Nessas primeiras cenas, que extraímos da narrativa intitulada “O Amor Sempre Vence”, pode-se estabelecer uma pequena relação entre o conto de Machado de Assis, *A Cartomante*, e fatos da história de vida da aluna, especialmente quando esta relata que decidiu procurar uma “cartomante” porque está com um mau presságio. Ao mesmo tempo, começa a dar sinais de sua infelicidade conjugal e familiar, conforme pode ser observado nas transcrições abaixo:

Após chegar à casa, trocava de roupa e acompanhava seu marido e seus filhos de 13 e 16 anos no árduo trabalho da lavoura, no cultivo do fumo. Por muito tempo essa rotina repetiu-se deixando-a desanimada e até fazendo-a esquecer-se de sorrir.

Inspiradas nas considerações de Larrosa (2000), é possível destacar que, a escrita de si, pode ser um exercício que possibilita àquele que conta sua própria história: ver-se, expressar-se e narrar-se. Ao considerar essas perceptivas, discutidas com muita pertinência pelo autor que referimos, a produção de narrativas sobre fatos de nossas vidas passa a constituir-se em condições de possibilidade, que permitem àqueles que narram sua própria história dar visibilidade as suas experiências, assim como ensaiar (novas) formas de atuar sobre elas. Ou seja, há sempre alguma possibilidade de (re)significar as nossas ações, comportamentos, ideias e escolhas realizadas ao longo da vida, especialmente se estamos motivados a produzir uma espécie de contabilidade ou inventário sobre nós mesmos. Para Larrosa (2000, p. 69) “é contando histórias, nossas próprias histórias, o que nos acontece e o sentido que damos ao que nos acontece, que nos damos a nós próprios uma identidade no tempo”.

Neste sentido, podemos inferir que educação a distancia pode se constituir em condições de possibilidade para que os alunos, através dos procedimentos de escrita (espontâneas ou não), destaquem fatos de sua vida cotidiana, que muitas vezes no contexto da sala de aula presencial não parecem ter tanta relevância. Todavia, quando representados através da escrita parecem estar dotados de um sentido todo especial.

Pretendemos destacar, neste breve *Ensaio* que, se por um lado o *Curso Mediadores de Leitura na Bibliodiversidade*, através do uso das TICs, nos permitiu acionar novas relações de espaço e de tempo para se falar sobre *práticas de leitura*; por outro, tem nos mostrado, através de escritas dos seus participantes, que um ambiente virtual de aprendizagem pode, também, se constituir um profícuo território de exposição de identidades e de intimidades que em uma sala de aula presencial podem, muitas vezes, passar despercebidas. Passamos, agora, a analisar a **Cena 2** intitulada “A Cigana: a Ana escuta o prenúncio de um triângulo amoroso”.

Cena 2: A Cigana: a Ana escuta o prenúncio de um triângulo amoroso

[...] Ao aproximar o punho para bater, a porta se abriu e uma mulher negra sorridente abraçou-a como se fossem velhas amigas. **Ana** ficou sem fala. A cartomante então a convidou para entrar e levou-a até uma sala, na qual havia duas cadeiras brancas de madeira e palha e uma mesa redonda, também de madeira e pintada da mesma cor. Por cima desta uma toalha de crochê feita à mão num tom de azul celeste. As paredes eram claras e aconchegantes, e **Ana** sentiu-se bem naquele ambiente, passando assim a observar aquela sorridente negra vestida de jeans simples, blusa muito colorida com manchas amarelas, azuis e vermelhas.

– Então, jovem senhora em que posso ser útil? Perguntou com voz suave a cartomante.

– Quero respostas!

– Se queres ser feliz com seu marido não permita que **Mário** venha viver perto de você e sua família. Vocês já se encontraram em vidas passadas e foram felizes, mas no presente momento muito sofrimento acontecerá para que vocês possam ser felizes mais uma vez.

Na **Cena 2**, observamos outras aproximações entre a vida da aluna e o conto, *A Cartomante*. Especialmente no que se refere à descrição de detalhes e as questões que envolvem o universo místico que permeiam nossa cultura. Vale destacar que **Ana** parece levar a sério a previsão da cartomante que foi consultar, como poderá ser observado através da seguinte transcrição:

— Se queres ser feliz com seu marido não permita que **Mário** venha viver perto de você e sua família. Vocês já se encontraram em vidas passadas e foram felizes, mas no presente momento muito sofrimento acontecerá para que vocês possam ser felizes mais uma vez.

É oportuno lembrar que este *Ensaio* descritivo não pretende julgar a conduta da aluna e tão pouco comparar sua escrita a de Machado de Assis; mas, ao contrário, destacar o que foi suscitado a partir da leitura de um conto produzido pelo referido autor. Ou seja, aquilo que poderia ser caracterizado, apenas, como mais uma produção textual, acabou sendo uma brecha para uma aluna realizar uma espécie de desabafo. Além disso, convém relatar que foi a própria aluna quem anunciou – segundo ela – a veracidade de sua história.

Cena 3: Ana conhece Mário

Em setembro do ano de 2003, **Mário** chegou de mudança, com sua esposa e seus cinco filhos, fixando residência na propriedade de **João e Ana**. A professora que muito trabalhava começou a enfrentar problemas com o marido, uma vez que este não a valorizava como ser humano. A vida dela era trabalhar na escola de manhã e de tarde até as dezessete horas, cumprindo às oito horas diárias conforme exigia sua profissão. Quando terminava a jornada escolar, **João** e os **filhos** estavam descansados, a sua espera para irem trabalhar na lavoura. O cansaço foi tomando conta dela. A tristeza começou a abatê-la. A falta de compreensão e carinho por parte do esposo e dos filhos começou a ser notada por **Mário**, que passara a sentir admiração e atração por **Ana**. Dois anos se passaram e a história se repetia. **Mário**, por sua vez, mandava recados por seu irmão para **Ana** dizendo que a admirava muito. Mas ele a princípio negou-se, pois ela era uma mulher austera e ele temia levar um xingão.

Já na **Cena 3**, observamos a aproximação de **Ana** e **Mário**, esse passar a admirar a esposa de seu primo, mas teme uma aproximação. Tal como em um filme ou novela, **Ana** vai narrando todos os detalhes desta aproximação, incluindo o que o amado supostamente estaria pensando sobre ela.

Ao (re)contar nossas histórias, cada um de nós tem a chance de urdir o enredo, bem como tem a possibilidade de ocupar, simultaneamente, diferentes posições de sujeito como, por exemplo, personagem principal, autor e narrador.

Isto é, a aluna **Ana** narra aquilo que acredita ser a verdade, bem como aquilo que imagina ser o pensamento dos demais personagens. Quando, por exemplo, diz: “A falta de compreensão e carinho por parte do esposo e dos filhos começou a ser notada por **Mário**, que passara a sentir admiração e atração por **Ana**”, está descrevendo os sentimentos de **Mário** em relação a ela. Na **Cena 4**, a aluna passa a descrever o despertar de uma paixão.

Cena 4: Desperta uma Paixão: O Primeiro Beijo de Mário e Ana

Em janeiro de 2005, **Ana** chorava enquanto colhia fumo, pois estava cansada e doente e tinha que enfrentar o serviço. **Mário** passa por perto dela e fala baixinho:

– Você não precisa passar por isso. Existe alguém que gosta de ti e quer lhe cuidar melhor.

Ana, naquele momento sequer ligou para as palavras ouvidas. Mas, com o passar dos dias, começou a prestar atenção no cuidado que **Mário** tinha com ela e na delicadeza com que lhe tratava. O tempo foi passando e os dois tornaram-se bons amigos. **Mário** sempre se oferecia para ajudá-la, pois **Ana** sempre muito atarefada, cortava grama, lavava roupas, fazia pães no forno, plantava e limpava verduras, enquanto isso seu marido **João** descansava ou ia até o campo de futebol próximo ao salão da comunidade, onde se divertia com os amigos. Já cansada do descaso do marido, **Ana** resolveu dar uma chance a **Mário**. Chamou-o para conversar. Nesse dia, eles trocaram um beijo. Os dois pareciam estar sonhando. Com muito medo, eles passaram a conversar mais. Porém, continuava trocando dia para colher

fumo para que ninguém suspeitasse do amor que sentiam um pelo outro. Esse sentimento entre Mário e **Ana** aumentava a cada dia. Trabalhando juntos, já não conseguiam mais conter o desejo de se amarem. O amor deles foi descoberto. Os dois sofreram muitas ameaças. Não aguentando a “pressão” das famílias, **Ana** resolve abandonar tudo e vai embora para outra cidade.

Em relação à **Cena 4**, observamos que **Ana** passa a descrever, também, todo o seu sofrimento, bem como o despertar da paixão. Conforme podemos observar no trecho reproduzido a seguir:

Em janeiro de 2005, **Ana** chorava enquanto colhia fumo, pois estava cansada e doente e tinha que enfrentar o serviço. **Mário** passa por perto dela e fala baixinho:

– Você não precisa passar por isso. Existe alguém que gosta de ti e quer lhe cuidar melhor.

Segundo Sibilía (2003) “cada vez mais, as paredes dos lares dos “quartos próprios, outrora sólidas e intransponíveis, são infiltradas por olhares *tecnicamente mediados* que flexibilizam e alargam os limites do dizível do mostrável. Como entender tais processos?” (grifo nosso).

A partir de Sibilía (2003), pode-se depreender que, atualmente, não há uma fronteira muito nítida entre aquilo que se poderia compreender como sendo pertinente ao espaço *público* ou *privado*. Isto é, parece haver um borramento entre estas duas fronteiras, e as TICs têm se destacado como ferramentas importantes para que o *orkut*, o *facebook*, os *blogs* e outros espaços da rede social – incluindo a EAD – se constituam lugares de exposição de intimidades. O que pode ser observado através do seguinte relato da **Cena 4**, particularmente, no momento em que é narrado o primeiro beijo, a paixão, o peso da traição e o abandono de **Ana**.

Ana resolveu dar uma chance a **Mário**. Chamou-o para conversar. Nesse dia, **eles trocaram um beijo. Os dois pareciam estar sonhando**. Com muito medo, eles passaram a conversar mais. Porém, continuava trocando dia para colher fumo para que ninguém suspeitasse do amor que sentiam um pelo outro. Esse **sentimento entre Mário e Ana aumentava a cada dia**. Trabalhando juntos, **já não conseguiam mais conter o desejo de se amarem**. O amor deles foi descoberto. Os dois sofreram muitas ameaças. Não aguentando a “pressão” das famílias, **Ana** resolve abandonar tudo e vai embora para outra cidade.

Ao que parece, as TICs acionaram a possibilidade de “anônimos” darem visibilidade as suas intimidades – através da escrita - para um número significativo de pessoas. Vale destacar que, comportamentos sociais vistos até bem pouco tempo atrás como de interesse *privado* são inclusive veiculados via *internet* ou televisionados para inúmeros internautas ou telespectadores. Cabe registrar, assim, que exibir detalhes da vida íntima e outros comportamentos parecem denotar um novo jeito de ser e de estar dos sujeitos na atualidade.

Em que pesem as controvérsias que dizem respeito à parcialidade da narrativa produzida pela aluna, seja ela uma adaptação ou até mesmo uma (re)leitura dos seus próprios atos, a tomaremos – de qualquer forma – como um fenômeno marcante neste Curso de Extensão, que pode ser associado a outros fenômenos da cultura contemporânea. Afinal, devemos sempre nos lembrar que o universo da escola ou da educação não são espaços hermeticamente fechados, mas, ao contrário, são afetados diretamente pela cultura onde estão inseridas. Passamos, agora, para a **Cena 5**:

Cena 5: O Reencontro de Mário e Ana

Mário não se conforma e vai até lá, somente para enxergar a amada. Ela, sem saber que seu amado ia lhe ver, sofria muito a sua ausência. Para deixá-la mais triste ainda, não tinha sinal de celular onde ela morava e ela não tinha como saber notícias dele. Um dia, ao levar sua filha a um médico especialista em uma cidade vizinha, o telefone toca. **Ana** quase desmaia. Era seu grande amor ligando. Conversaram um pouco e combinaram outro dia para se falarem por telefone. Enquanto isso, **Mário** não esquecia a amada e já não conseguia mais esconder seus sentimentos. Sua esposa, **Rejane**, ficou muito furiosa e resolveu ter um caso com seu **cunhado Pedro**. Ela saiu de casa e foi viver com o **cunhado** em outro lugar. Mas vivia mentindo para ele que seu ex-marido (**Mário**) estava lhe querendo de volta. Essa fofoca revoltou muito ao **Mário**, que começou a brigar com o irmão, ameaçando-lhe de morte.

Na **Cena 5**, é narrado o inconformismo de **Mário** diante do abandono de sua amada **Ana**. Ao mesmo tempo, inicia-se uma triangulação muito perigosa, pois a esposa de **Mário**, **Rejane**, resolve ter um caso e – posteriormente - viver com seu cunhado como uma forma de vingança. Além disso, **Rejane**, estimula intrigas entre **Mário** e **Pedro**, como é possível observar através da seguinte transcrição:

Rejane ficou muito furiosa e resolveu ter um caso com seu **cunhado Pedro**. Ela saiu de casa e foi viver com o **cunhado** em outro lugar. Mas vivia mentindo para ele que seu ex-marido (**Mário**) estava lhe querendo de volta. Essa fofoca revoltou muito ao **Mário**, que começou a brigar com o irmão, ameaçando-lhe de morte”.

Destacamos aqui que, ao dar visibilidade a esta narrativa da vida real, repleta de personagens marcantes não queremos, de forma alguma tomar partido, tampouco olhá-la de forma mimética ou bipolarizada como um duelo entre o bem e o mal, o certo e o errado, o mocinho e o bandido.

Ao contrário, queremos destacar que atrás de cada tela do computador há alunos com muitas histórias de vida, que através da EAD, particularmente através da escrita, adquiriram especial relevância. Daí a importância de disponibilizarmos espaços para que os alunos possam expressar-se enquanto sujeitos individuais, seja na modalidade presencial através de diários de campo, seja na modalidade a distância através de *chats*, *fóruns* e *blogs*. Para Sibilía (2007), os alunos vão se constituindo como sujeitos à medida que vão fazendo uso da linguagem:

A linguagem nos dá consistência e relevos próprios, pessoais, singulares; e a substância que resulta desse cruzamento de narrações se (auto)denomina “eu”. Em suma, a experiência de si como um eu se deve à condição de narrador do sujeito, alguém que é capaz de organizar a sua experiência na primeira pessoa do singular. Mas tal sujeito não se expressa unívoca e linearmente através de suas palavras; ele, de fato, se constitui na vertigem desse córego discursivo. (SIBILIA, 2007, 184)

Vejamos agora o desfecho desta narração, apresentando o **Último Ato**.

O Último Ato: Um Desfecho (In)Feliz: o Reencontro de Mário e Ana:

Muitas fofocas, discussões e ameaças aconteceram por longos meses. No entanto, a situação de **Ana** já estava decidida e **Mário**, também. Os dois estavam separados e agora sim poderiam se encontrar e viver o grande amor que estava sufocado em seus corações. O reencontro de **Ana** e **Mário** acontece no dia dezoito de novembro, numa festa religiosa. Os dois estão muito felizes. Mas **Ana** precisa partir, pois tem compromissos de trabalho e precisa pernoitar na Cidade. Mário vai para sua humilde casa. Arruma um chimarrão e está pronto para fazer o jantar para ele e seu filho. De repente, eles são surpreendidos pelos gritos do irmão **Pedro**, que lhe provoca até que uma terrível briga se inicia.

Depois de muito brigarem, **Mário** consegue vencer seu irmão, mas, infelizmente, acaba matando-o. **Ana** não estava ali para apoiar o amado, que se entrega ao desespero, bebendo muito e até mesmo tentando se suicidar. Foram dias de muita tristeza. Todas as investigações foram realizadas e **Mário** foi considerado inocente. Ele agiu em legítima defesa e sequer foi levado a júri popular.

Ana volta e vai viver com seu amado, dando-lhe apoio e ajuda. Mário, muitos dias, sente-se abalado e triste pelo que fez, mas consegue superar, pois tem convicção de que não teve outra escolha: ou matava ou morria, uma vez que seu irmão **Pedro** já estava destinado a matá-lo.

Mário e **Ana** atualmente vivem juntos, são amigos e amam-se profundamente.

Enfim, no **Último Ato**, é possível fazer uma pequena analogia ao conto “A Cartomante” novamente, pois o final desta história é marcado, pelo menos em alguma medida, pela tragicidade. Embora **Ana** e **Mário** tenham conseguido contornar todas as adversidades, realizar aproximações e distanciamentos para amarem-se e viverem felizes para sempre, suas vidas foram perpassadas por uma tragédia: a morte de **Pedro**.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: AS HISTÓRIAS DO OUTRO LADO TELA

Os problemas que enfrentamos, de fato, não têm, como nunca tiveram os problemas sociais, uma solução inscrita em seu enunciado. Trata-se antes de perguntar para fazer ver do que para encontrar, de imediato, um plano de ação. **Não são perguntas sobre o que fazer, mas como armar uma perspectiva para ver** (SARLO, 2000, p.10). (grifo nosso)

Através de breve ensaio *descritivo e analítico* pretendemos problematizar e dar visibilidade àquilo que foi produzido por uma aluna através do *Curso Mediadores da Leitura na Bibliodiversidade*, e que nos marcou profundamente. Nosso objetivo não foi o de formular uma tese completa sobre esta narrativa, tampouco situá-la em algum campo metodológico ou de pesquisa. Sobretudo, tentamos tecer alguns breves comentários descritivos sobre uma história de vida, perpassada por paixões, angústia, amor e ódio, que ganhou visibilidade através da EAD e que representa – em parte – muitas outras histórias que tivemos a oportunidade de conhecer através deste Curso.

Então, inspiradas na consideração de Sarlo (2000, p. 10) sobre o papel que as perguntas possuem no processo investigativo observamos que as análises desenvolvidas no decorrer deste *Ensaio* trataram bem mais de “armar perspectivas para ver” as narrativas produzidas por uma aluna, “do que para encontrar, de imediato, um plano de ação”, que se volte a proposições ou o estabelecimento de “juízo de valor” sobre a conduta desta e ou dos demais alunos.

Na verdade, muitas são as perguntas que este breve *Ensaio* pode suscitar àqueles que vierem a lê-lo, contudo não esgotaremos nesta oportunidade todas as possíveis reflexões que poderiam ser feitas sobre as narrativas aqui apresentadas ou sobre aquelas que não tivemos a oportunidade de publicar. Para nós, o que realmente importa, como indica um dos subtítulos, é caminhar na direção de uma EAD com novos contornos. Isto é, uma educação que não considere nossos alunos uma tábula rasa. Neste sentido, as escritas dos alunos em um ambiente virtual de aprendizagem podem, também, se constituírem em um profícuo território de exposição de identidades e de intimidades, que em uma sala de aula presencial podem, muitas vezes, passar despercebidas.

Mesmo sem a pretensão de dar visibilidade a tudo o que foi dito por todos os alunos nos *chats, fóruns, blogs* e em outros espaços do *AVA Moodle*, acreditamos que este breve *Ensaio* se mostrou relevante tendo em vista que os recortes selecionados por

nós e pelos demais docentes nos parecem ser bastante representativos das demais narrativas que nos deparamos ao longo do Curso. Além disso, acreditamos que estas narrativas abrem brechas para que comecemos a nos esforçar para compreender a produtividade da EAD para além do seu currículo e das atividades propostas e realizadas e construídas pelos participantes do Curso.

O homem se diz ao se desdizer: no gesto de apagar o que acaba de ser dito, para que a página continue em branco (...) Perde-te na biblioteca. Exercita-te no teu escutar. Aprende a ler e a escrever de novo. Conta-te a ti mesmo tua própria história. E queima-a logo que a tenhas escrito. Não sejas nunca de tal forma que não possas ser também de outra maneira. Recorda-te de teu futuro e caminha até tua infância. (Larrosa, 2001, p.41)

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **A Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
- LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tomaz T. da. **O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 35-86.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 208 p.
- HALL, Stuart. A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. **Educação & Realidade**, v.22, n.2, 1997a. p. 15-46.
- HALL, Stuart. **Representation, Cultural Representation and Signifying Practices**. 5. ed. London: Thousand Oaks, 1997 b.
- SARLO, Beatriz. **Cenas da Vida Pós-Moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000
- SIBILIA, Paula. A Vida como Relato na Era do Fast-forward e do Real Time: algumas reflexões sobre o fenômeno dos blogs. **Em Questão**. Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 35- 51, jan./jun., 2005
 _____. **Os Diários Íntimos na Internet e a Crise da Interioridade Psicológica**. 2003. Disponível em: <<http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2003/GT12TB6.PDF>>. Acesso em julho de 2008.
- _____. O show da vida íntima na internet: blogs, fotologs, videologs, orkut e webcams. In: CAIAFA, Janice; ElHAJJI, Mohammed. (Org.). **Comunicação e Sociabilidade: cenários contemporâneos**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.